

## Encontrando as metáforas certas: um diálogo entre Karl Popper e Michel Maffesoli em torno da pós-modernidade

Finding the right metaphors: a dialogue between Karl Popper and Michel Maffesoli around of the postmodernity

Fabiano Incerti

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

Douglas Borges Candido

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

### Resumo

A busca pelas palavras mais adequadas para descrever a pós-modernidade é um desafio tão difícil quanto tentar compreendê-la. Por isso, por meio de metáforas, o filósofo e sociólogo Michel Maffesoli encontra maneiras de dizê-la menos judicativas, dirimindo ao máximo, possíveis projeções ou distorções sobre esse novo cenário. Nesse sentido, o presente artigo explora dois pontos do pensamento de Karl Popper que visam contribuir com a caracterização de traços gerais do cenário pós-moderno. O primeiro deles consiste no uso da metáfora 'Das nuvens e relógios'. Ela será um recurso que examinaremos comparativamente para demonstrar alguns elementos que nos possibilitem levantar uma circunscrição possível sobre a pós-modernidade. Dessa perspectiva mais compreensiva do que projetiva, emerge nosso segundo ponto, a noção de demarcação científica que deve ser explorada a partir do pensamento popperiano. Ela deve nos auxiliar a construir uma crítica tanto ao determinismo que paira sobre as Ciências Sociais, quanto ao saber instituído que, por meio de uma atitude dogmática, impede leituras mais refinadas e atentas à realidade social.

**Palavras-chaves:** Metáfora. Demarcação científica. Pós-modernidade. Determinismo.

### Abstract

The search for the words most appropriate to describe the postmodernity it is a challenge as difficult as to try understand it. Therefore, through metaphors, the philosopher and sociologist Michel Maffesoli finds ways to say less judgmental, straightening the maximum, possible projections or distortions on this new scenario. In this sense, this article explores two points of Karl Popper's thinking that aim to contribute with the characterization of outlines of the postmodern scenario. The first point consists in the use of the metaphor "Of Clouds and Watches". It will be a resource which we will examine comparatively to demonstrate some elements that enable us raise a possible interpretation about the postmodernity. From this perspective more comprehensive than projective, our second point emerges the notion of scientific demarcation that should be explored from popperian thinking. It should help us to build a critic to the determinism that hangs over the Social Sciences, as to the established knowledge that, through a dogmatic attitude, prevents readings more refined and attentive of social reality.

**Keywords:** Metaphor. Scientific demarcation. Postmodernity. Determinism.

### Informações do artigo

Submetido em 18/03/2022

Aprovado em 19/10/2022

Publicado em 22/12/2022.



<https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2022.v22n3.p26-42>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Como ser citado (modelo ABNT)

INCERTI, Fabiano; CANDIDO, Douglas Borges. Encontrando as metáforas certas: um diálogo entre Karl Popper e Michel Maffesoli em torno da pós-modernidade. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 22, n. 3, p. 26-42, set./dez. 2022.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo explora dois pontos do pensamento de Karl Popper que contribuam para o trabalho de Michel Maffesoli, a saber: a tentativa de compreensão aproximada da pós-modernidade por meio de metáforas e uma proposta de demarcação nas Ciências Sociais. Segundo Maffesoli, sem dúvida vivemos em um ‘mundo outro’ que não o projetado pelo plano racional da modernidade que se estendeu até meados do século XX. Vivemos, segundo o autor, em tempos pós-modernos que, por definição, se caracterizam essencialmente pela fusão do arcaico com o tecnológico<sup>1</sup>, isto é, o retorno ou afloramento da sensibilidade e do emocional em plena sociedade *high tech*. Não podemos confundir esse novo cenário como uma dobradura de transição - período de efervescência que se epifaniza em outras questões e relações. A pós-modernidade, contrariamente ao que pensa a vanguarda<sup>2</sup> acadêmica, se abre à questões próprias e por isso demanda do exercício intelectual o esforço de ver as coisas mesmas. Exercício de abandonar cânones, teorias, prospecções etc. para ser capaz de enxergar a vida pulsante no cotidiano da vida social. Segundo Maffesoli, é sermos capazes de enxergar novamente a ‘intensidade na superficialidade dos fenômenos’<sup>3</sup>.

Mas essa ‘virada perceptiva’<sup>4</sup> do meio social implica necessariamente em uma ressignificação da cultura de pesquisa científica sobre o “dado social”<sup>5</sup>. Na atualidade, segundo Maffesoli, o ‘superficial’ se tornou o elemento aglutinador do mundo social, mas há ainda dificuldades em se aceitar essa premissa. De onde advém essa resistência? Haveria lugar na pesquisa científica para preconceitos

---

<sup>1</sup> MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 2018. Conferir o prefácio à 3ª edição francesa, p. XXIV.

<sup>2</sup> MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida*, 2007, p. 12. Neste ponto, o autor fala da noção de teorias ‘sem espíritos enraizados’ referindo-se às pressuposições sobre a realidade que não condizem com a mesma. Normalmente isso se justifica pela atitude dogmática do cientista social e do ‘clã’ ao qual pertence.

<sup>3</sup> MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida*, 2007, p. 41; *A contemplação do mundo*, 1995, p. 51.

<sup>4</sup> Expressão utilizada para nos remetermos ao que deveria ser um momento crucial para as Ciências Sociais, isto é, a hora de se reconectar à realidade social. A expressão que dá origem a essa inflexão é a *linguist turn*, originária das discussões em torno da filosofia da linguagem do século XX.

<sup>5</sup> Karl Popper, em sua obra *O mundo de Parmênides*, nos oferece uma análise do como a perspectiva dicotômica adentrou no pensamento ocidental e de como o superficial, por advir do empírico, foi sendo menosprezado em relação a uma visão de mundo mais voltada à metafísica, isto é, ao racional e, por isso, projetiva da realidade.

em relação aos dados e evidências? Teria a ciência perdido seu espírito originário de aventura intelectual em busca do conhecimento, indiferentemente em relação às fontes da qual provém? Perceberemos que os que se intitulam defensores do ‘verdadeiro’ conhecimento são os mesmos que estão vendados para essa nova configuração do meio social que, segundo Maffesoli, estrutura a pós-modernidade.

De imediato devemos compreender que a pós-modernidade não deve ser tomada como uma continuação de seu período antecessor, a modernidade. Nesse sentido, ela rompe não só com a perspectiva histórico-linear que defenderia uma possível continuação histórica dos ideais de um período a outro, mas rompe com o próprio ideal de progresso postulado a partir do sucesso das ciências nos séculos XVIII-XIX. A pós-modernidade anuncia uma nova fase da humanidade. Vive-se o que Maffesoli identifica como um movimento de *reencantamento do mundo*<sup>6</sup>, isto é, investidura de valor nos fenômenos do cotidiano, à vida social tida como ‘banal’. Segundo Maffesoli, é nessa dimensão de vivência do social denominada ‘cotidiano’ que encontramos o novo *glutinum mundi*<sup>7</sup>.

No prefácio à terceira edição francesa da obra *Le Temps des Tribus*, Maffesoli afirma que há três décadas tem se empenhado em “encontrar as palavras para dizer nosso tempo”<sup>8</sup>. Palavras que, para um dos representantes da corrente compreensiva da sociologia contemporânea<sup>9</sup>, expressem o que de fato esse novo período é, sem distorcê-lo, pintá-lo ou caracterizá-lo conforme os projetos da razão. Desta forma, afirma: “Não é inútil, pelo contrário, participar desse verdadeiro trabalho inventivo com o qual cada época é confrontada: *encontrar as palavras menos falsas possíveis que se aplicam a dizer o que ela é*”<sup>10</sup>. Por essa razão, o artigo inspira-se nesse mesmo objetivo, ou seja, de encontrar as figuras de linguagem mais apropriadas para dizer esse novo período. Assim sendo, uma das contribuições desse estudo é a reinterpretação de uma metáfora utilizada por Karl Popper na busca de nos auxiliar a contornar

---

<sup>6</sup> Basta observarmos o título de seu livro *Le réenchantement du monde: une éthique pour notre temps*. Paris: La Table Ronde, 2009b. Nele, Maffesoli desenvolve extensamente esta tese.

<sup>7</sup> MAFFESOLI, M. *O instante eterno*, 2003, p. 32.

<sup>8</sup> MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*, 2018, p. XXI.

<sup>9</sup> MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*, 2018, p. 8.

<sup>10</sup> MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*, 2018, p. XXI.

uma imagem possível do que se mostra da pós-modernidade. Afinal, como afirma Maffesoli, ainda no prefácio da referida obra citada:

Em vez de lenga-lenga, do sortilégio de que se tratou: redizer, sempiternamente, as palavras-chave do século XIX, é preciso saber se contentar com as metáforas, analogias, imagens, todas coisas vaporosas, que seriam os meios menos piores possíveis para dizer 'o que é', o que está em estado nascente<sup>11</sup>.

Por essa razão, a metáfora que exploraremos na sequência chama-se *Das nuvens e relógios*, e se encontra no livro *Conhecimento Objetivo: uma abordagem evolucionária*, do filósofo Karl Raimund Popper.

## 2 O QUE NUVENS E RELÓGIOS PODEM NOS DIZER SOBRE A PÓS-MODERNIDADE

O contexto em que a metáfora popperiana *Das nuvens e relógios* emergiu é epistemológico. O texto é fruto de uma palestra a qual Karl Popper apresentou na Universidade de Washington, em homenagem à memória de Arthur Holly Compton, em 21 de abril de 1965. Na ocasião, Popper tentava demonstrar, por meio dessa figura de linguagem, os dois sistemas que buscavam uma representação do mundo físico: o determinismo e o indeterminismo. É para representar e ilustrar essas duas posições que Popper utiliza das noções 'nuvens' e 'relógios'. Adentrando, então, nessa relação entre os sistemas físicos (o determinismo e o indeterminismo) e a metáfora abordada, Popper afirma:

Minhas nuvens pretendem representar sistemas físicos que, como gases, são altamente irregulares, desordenados e mais ou menos imprevisíveis. Admitirei que temos à nossa frente um esquema ou arranjo em que uma nuvem muito perturbada ou desordenada é colocada à esquerda. Na outra extremidade de nosso arranjo, à direita, podemos colocar um relógio de pêndulo, muito digno de confiança, um relógio de precisão, com o intento de representar sistemas físicos que são regulares, ordeiros e de comportamento altamente previsível.

De acordo com o que posso chamar visão de senso comum das coisas, certos fenômenos naturais, tais como o estado do tempo, ou a ida e vinda das nuvens, são de difícil precisão – falamos das 'extravagâncias do tempo'. Por outro lado, falamos de 'exatidão de relógio' quando queremos descrever um fenômeno altamente regular e previsível<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*, 2018, p. XXII.

<sup>12</sup> POPPER, K. *Conhecimento objetivo*, 1975, p. 194.

Apesar de Popper fazer menção a elementos e a sistemas utilizados tipicamente no campo das ciências naturais, as duas figuras – os relógios e as nuvens – são capazes de nos ajudar a compreender, em termos maffesolianos, dois períodos distintos: a modernidade e a pós-modernidade – nosso foco nesse estudo. Se perguntássemos com qual figura cada período se identifica, não haveriam dúvidas de que a modernidade, símbolo da exatidão, do cálculo, do controle da natureza, do determinismo moral etc., corresponderia à figura do relógio. Por outro lado, a pós-modernidade, segundo Maffesoli, corresponderia à figura das ‘nuvens’, pelas razões que Popper expõe acima: um período aparentemente desordenado que, como uma nuvem à primeira vista, parece um aglomerado caótico de gotículas, mas que, se observada com cuidado, é possível enxergar uma certa lógica nesse caos. Lógica outra que faz exatamente com que a nuvem seja uma nuvem. Isso não significa dobrar-se ao determinismo, nem do comportamento físico da natureza, nem do comportamento social, mas possibilita afirmarmos, segundo Maffesoli, que o não-racional não é irracional, mas que revela uma lógica própria que pode ser estudada e captada, mesmo que sempre muito fugaz e, por isso, revelando seu caráter sempre provisório, reconfigurável e mutável<sup>13</sup>.

Exploremos, então, mais elementos que essa metáfora pode nos dar, pois, como afirma Maffesoli, “ela não indica, de maneira unívoca, qual é o sentido das coisas, mas pode ajudar a perceber suas significações”<sup>14</sup>. Sendo assim, prosseguindo com a imagem do relógio, percebemos nele o instrumento *par excellence* da modernidade, pois torna-se um marcador ou, poderíamos dizer, ‘organizador’ das relações sociais<sup>15</sup>. Essa teoria ‘econômica’ do tempo que se forma nesse período sugere uma identidade dos sujeitos sempre vacilante. A crença na ideia de Progresso – científico, humano, econômico, social etc. -, vinculada diretamente à ideia de futuro, defendia a tese de em uma marcha rumo à evolução – em todos aqueles sentidos mencionados anteriormente. “Esse utopismo”, como coloca Kujawski<sup>16</sup>, não passou de um “radicalismo ideológico”

---

<sup>13</sup> MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*, 2010.

<sup>14</sup> MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, 2005, p. 148.

<sup>15</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, 2010 (capítulo V - ‘O nascimento da medicina social’); FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*, 2013 (Terceira Parte - ‘O controle da atividade’).

<sup>16</sup> KUJAWSKI, G. *A crise do século XX*, 1991, p. 21.

advindo dos racionalistas iluministas que acabou entusiasmando toda uma época. Apesar dos infortúnios de toda ordem enfrentados pela grande maioria da população, esse utopismo projetava o “sonho do paraíso terrestre, ou do céu na terra”<sup>17</sup>. É por isso também que Michel Maffesoli irá afirmar que a modernidade é uma espécie de “profana religião”<sup>18</sup>, pois, amparada no ideal do progressismo, acreditou tornar terrestre o paraíso.

A pós-modernidade inverte os polos dessa questão. Sua relação com o tempo será outra, pois segundo Maffesoli, “desde o momento em que o fundamento divino perde a sua substância e o progresso não é mais considerado como um imperativo categórico, a existência social é entregue a si mesma”<sup>19</sup>. Entregue a si mesma é capaz de perceber que o progresso não nos tornou sujeitos melhores. O que também não nos autoriza afirmar que teríamos nos tornado piores. A questão não é essa. Percebida de uma perspectiva presenteísta<sup>20</sup>, como é a da pós-modernidade, o progressismo se torna um mito e a tese de que um sujeito melhor está por vir torna-se absurda. O melhor sujeito é aquele que somos. O mundo, os sujeitos, as relações sociais, valem por si mesmos e não em relação a um projeto ou a uma utopia. Por essa razão, a existência e as relações sociais que travamos tomam intensidade novamente em si mesmas. É essa transformação no modo de enxergar as relações no tecido social que modificou a titularidade da posição temporal valorizada pela pós-modernidade. Passamos da valorização do futuro ao tão aclamado presente.

Se falamos da imagem do relógio até agora, falta-nos explorar um pouco mais a noção de ‘nuvem’ apresentada como metáfora no pensamento de Karl Popper. O próprio autor irá comparar sua ideia de ‘nuvem’ com outra imagem - a de um conglomerado de mosquitos. Segundo Popper, uma das características desse conglomerado, é que ele “não se dissolve nem difunde, mas conserva-se coeso muito bem”<sup>21</sup>. Figurando talvez como os pernilongos, os sujeitos na pós-modernidade se comportam muito semelhante. “No caso dos pernilongos”, segundo Popper, “sua manutenção em união é facilmente explicada se admitirmos que, embora voem muito irregularmente em todas as direções, os

---

<sup>17</sup> KUJAWSKI, G. *A crise do século XX*, 1991, p. 23.

<sup>18</sup> MAFFESOLI, M. *O mistério da conjunção*, 2009. p. 13.

<sup>19</sup> MAFFESOLI, M. *O mistério da conjunção*, 2009, p. 13.

<sup>20</sup> Termo que Maffesoli utiliza recorrentemente para caracterizar a pós-modernidade.

<sup>21</sup> POPPER, K. *Conhecimento objetivo*, 1975, p. 195.

que acham que estão se afastando da multidão retornam para a parte que é mais densa”<sup>22</sup>. Coincidentemente, em *O tempo das tribos*, Maffesoli emprega algumas vezes a expressão ‘nebulosa afetual’<sup>23</sup> para dirigir-se a pós-modernidade e a característica determinante dessa época, isto é, o ressurgimento do lado dionisíaco da vida.

A expressão ‘nebulosa afetual’ representaria, *sui generis*, essas aglomerações caóticas, conglomerados de nuvens que se justapõem, se fundem ou se repelem a partir de certas afinidades de gostos e de costumes, de hábitos alimentares, musicais, esportivos etc. constituindo, enfim, essa visão de algo aparentemente constituído, presente, instalado, mas altamente gasoso. Assim como a ‘nuvem de mosquitos’ citada por Popper se mantém coesa por certa força centrípeta, os sujeitos pós-modernos, superando a trajetória individualista por um movimento de identificação<sup>24</sup> entre crenças, modos de vida, gostos, etc, formam, por atração e repulsão, as novas tribos, as tribos urbanas que estruturam e estabelecem as configurações sociais atuais sob a ótica das comunhões emocionais e não mais dos contratos racionais típicos da modernidade. Os espaços comuns da socialização são, segundo Maffesoli, “onde circulam as emoções, os afetos e os símbolos, onde se inscreve a memória coletiva, que permite esse movimento de identificação”<sup>25</sup>.

Ainda sobre a ideia do conglomerado de mosquitos, segundo Popper, o retorno dos mosquitos, que eventualmente se afastam da nuvem, para a parte mais densa do conglomerado explicaria como eles:

Se mantém unidos mesmo que não tenham líder nem estrutura – mas só uma distribuição estatística ao acaso, resultando do fato de que cada pernilongo faz exatamente o que quer, de um modo sem norma ou ao acaso, juntamente com o fato de que eles não gostam de desviarem-se muito de seus camaradas<sup>26</sup>.

Apesar de não concordar com os sistemas totalitários e criticá-los em várias de suas obras, Karl Popper não está realizando uma apologia ao anarquismo político ou social. Sua metáfora nos ajuda a compreender a configuração típica a que os sujeitos pós-modernos respondem. A pós-

---

<sup>22</sup> POPPER, K. *Conhecimento objetivo*, 1975, p. 195.

<sup>23</sup> MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*, 2018, pp. 16-136-137-261-264.

<sup>24</sup> MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*, 2010, p. 264.

<sup>25</sup> MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*, 2010, p. 245.

<sup>26</sup> POPPER, K. *Conhecimento objetivo*, 1975, p. 195.

modernidade apresenta questões próprias ao contexto social ou, poderíamos dizer, re-apresenta a dimensão sensível, emocional, que havia sido controlada, reprimida e tornada um objeto da ciência, durante o período moderno, por meio de complexas construções de saberes e poderes. Isso Michel Foucault demonstrou magistralmente. Por essa razão, e diante do que foi posto até aqui, percebemos a possibilidade de postularmos uma proposta de demarcação entre o pensamento sociológico clássico, que foi construído a partir de uma perspectiva de mundo moderna, e o pensamento sociológico contemporâneo, que resgata uma visão integral e atenta ao sujeito. Precisamos reconsiderar o sujeito em sua integralidade, globalidade, o que implica em “dizer que não o rege unicamente a razão, como ocorreu na modernidade, mas que o movem, igualmente, os sentimentos, os afetos, os humores, todas as dimensões não racionais do mundo dado”<sup>27</sup>. Por isso, nosso próximo ponto é uma tentativa de demarcação, inspirados também em Karl Popper, entre os saberes de ordem sociológica.

### **3 UMA PERSPECTIVA DE DEMARCAÇÃO CIENTÍFICA: UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL (E NECESSÁRIA?!) NO CAMPO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

A proposta de demarcação científica de Karl Popper apresenta como crivo de separação entre teorias genuinamente científicas e pseudoteorias, isto é, embustes, a possibilidade de as mesmas serem falseadas. Desta forma, uma proposta teórica que pretenda alcançar o status de ‘científica’ deveria apresentar possibilidades de testá-la com o objetivo de refutá-la e não o seu contrário, isto é, confirmá-la - como normalmente acontece entre a comunidade científica<sup>28</sup>. Como pano de fundo, Popper tem por objetivo explicar como o mote do desenvolvimento da ciência não está na confirmação ou verificação das teorias, mas sim na sua constante falsificação<sup>29</sup>. A ciência, segundo o autor, avança de problemas conhecidos para problemas desconhecidos. A diferença é que os problemas desconhecidos sempre serão mais evoluídos no sentido de mais complexos<sup>30</sup>. Esta breve contextualização do critério de demarcação popperiano

---

<sup>27</sup> MAFFESOLI, M. *O instante eterno*, 2003, p. 30.

<sup>28</sup> POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*, 2007, p. 42.

<sup>29</sup> POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*, 2007, p. 91-92.

<sup>30</sup> POPPER, K. *Conhecimento objetivo*, 1975, p. 263.

deve nos ajudar a retomar seus elementos cruciais e esclarecer que a proposta de uma demarcação entre os saberes nas Ciências Sociais não seguirá com a transposição tal e qual do critério popperiano, mas, inspirados na crítica maffesoliana aos saberes herméticos das Ciências Sociais, vislumbramos a necessidade de uma reflexão que delimite as teorias sociológicas clássicas das teorias sociológicas contemporâneas.

Com base no pensamento maffesoliano, concluímos a necessidade das Ciências Sociais se atentarem novamente para o valor do sensível, do aparente, do superficial no sentido estrito do termo, isto é, do empírico, daquilo que se mostra e deixa-se mostrar na superfície mesma das coisas, ou seja, daquilo que está posto e envolto nas relações sociais. Como coloca Maffesoli, “existe intensidade na superficialidade dos fenômenos”<sup>31</sup>. É preciso uma ponderação entre a elucubração pura (o racionalismo puro) e a força dos sentidos, mantendo-nos fiéis e atentos ao que ocorre no tecido social. Com outras palavras, Maffesoli, inspirado em Aloïs Riegl, fala justamente dessa revalorização do modo de apreensão sensível em relação ao puramente racional. É preciso abandonar os métodos tradicionais, que caracterizam um estilo ótico, e adquirir um estilo tátil. Em suas palavras:

A. Riegl descreve um *estilo ótico* e um *estilo tátil* (lembro apenas que o primeiro remete às formas luminosas e inspirou os diversos classicismos, enquanto o segundo enfatiza mais tudo o que favorece o contato ou privilegia os relacionamentos das pessoas e das coisas). O primeiro é mecânico, enquanto o último é orgânico. Apropriando-me dessa proposição, digo que a tendência dominante dos fatos sociais observada atualmente pode ser perfeitamente explicada pela categoria tátil. (...). Enquanto o ótico é a escolha de perspectiva que privilegia o longínquo, *historicizando-se*, o tátil favorece tudo o que está próximo (proxemia), o cotidiano, o concreto.<sup>32</sup>

É preciso, mais do que nunca, de um pensamento *compreensivo* e não *representativo*<sup>33</sup>, pois, segundo Maffesoli:

Bem diferente é a atitude concreta, aquela que cresce (*cum crescere*) com as coisas da vida. Com seu saber incorporado,

---

<sup>31</sup> MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida*, 2007, p. 41.

<sup>32</sup> MAFFESOLI, M. *O mistério da conjunção*, 2009c, p. 68.

<sup>33</sup> Nesse contexto, o termo é utilizado em um sentido atípico. Buscando se contrapor ao método compreensivo – que deixa com que as coisas apareçam e diz ‘o que é’, o método representativo está no sentido de projetar sobre a realidade teorias e pensamentos que não condizem com a mesma e, em alguns casos, a sombreiam impedindo, assim, dela se fazer mostrar como é.

ela 'sabe' que a existência é um perpétuo devir. E que, de acordo com isso, é preciso ser um errante do pensamento. Em outras palavras, ter a humildade de seguir as pistas daquilo que se apresenta empiricamente<sup>34</sup>.

Mas, para além de querer instituir a tese de um empirismo sociológico, tampouco de continuar com as interpretações do racionalismo puro sobre a realidade social, o que Maffesoli nos adverte é da necessidade de desenvolvermos uma *razão sensível*<sup>35</sup>. Em suas palavras:

É isso o interesse de uma razão sensível que, sem negar fidelidade às exigências de rigor próprias ao espírito, não esquece que deve ficar enraizada naquilo que lhe serve de substrato, e que lhe dá, afinal de contas, toda a sua legitimidade. Sem pretender fazer paradoxo a qualquer preço, tal sensibilidade é bem expressa naquilo que pode ser denominado um empirismo especulativo que se mantenha o mais próximo possível da concretude dos fenômenos sociais, tomando-os pelo que são em si próprios, sem pretender fazer com que entrem num molde preestabelecido, ou providenciar para que correspondam a um sistema teórico construído<sup>36</sup>.

Tomando esse cuidado, é necessário que, segundo Maffesoli, o intelectual produza um saber enraizado com sua época, pois só assim ele será capaz de entrar em sintonia com o imaginário coletivo de seu tempo. Qualquer teoria formulada fora dessa perspectiva estará fadada a ser uma miragem sobre a realidade social e, assim, mais uma vez, as Ciências Sociais projetam sobre a realidade suas conclusões ao invés de alcançarem o substrato próprio das relações sociais. Desta forma, afirma Maffesoli:

É preciso não se enganar de época, é preciso entrar em sintonia com o imaginário que constitui esta época. Donde a necessidade de reconhecer os valores que caracterizam, não mais cabe temer esta expressão, a pós-modernidade nascente. Época de um hedonismo latente, que dá ênfase ao aspecto qualitativo da existência, à relação com o meio ambiente e a ecologia. (...) Época enfim que considera que o desenvolvimento do festivo e do lúdico não mais é apenas um lado frívolo da existência, mas seu elemento essencial. Sem esquecer, por certo, a fragmentação tribal e a atenção dada ao presente<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> MAFFESOLI, M. *A república dos bons sentimentos*, 2009a, p. 31.

<sup>35</sup> MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, 2005.

<sup>36</sup> MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, 2005, p. 162.

<sup>37</sup> MAFFESOLI, M. *A república dos bons sentimentos*, 2009a, p. 11-12.

Tanto Maffesoli quanto Popper não angariaram boas apreciações da comunidade acadêmica quando manifestaram seus pensamentos. A demarcação científica popperiana por excluir, entre as décadas de 20-30, três ‘propostas de saber’<sup>38</sup> que se julgavam científicas e que estavam no auge no período pós-guerra. Foram elas: a psicologia de Alfred Adler, o marxismo e a psicanálise. Elas foram consideradas como pseudociências<sup>39</sup> a partir do critério de demarcação popperiano. No caso de Maffesoli, o estranhamento em relação a sua produção intelectual se deu por haver alertado, em seu livro *A sombra de Dionísio*, publicado pela primeira vez na década de 70, “para o retorno das paixões coletivas”<sup>40</sup>, o que incomodou uma sociedade que vivia os resquícios do projeto racionalista moderno. Enfim, esses dois pensadores anunciavam, em pleno século XX, um novo mundo social em construção, mas poucos estavam dispostos e abertos a assumir teses que deporiam para o fim do projeto moderno de sociedade ideal. Popper e Maffesoli romperam com o conformismo intelectual e investiram contra a corrente dominante de suas épocas. Mas por que, então, foram eles rechaçados?

Para Maffesoli, “a situação paradoxal, própria de toda mudança de paradigma cultural, é difícil de viver. É também difícil de pensar e, certamente, de dizer”<sup>41</sup>. Foi isso justamente que tanto Maffesoli quanto Popper propuseram – uma nova teoria diante de uma nova realidade que se apresentava. Em tom de ironia, Maffesoli afirma que é sempre *post festum* que as Ciências Sociais se atentam para o que é amplamente vivido<sup>42</sup>. Essa resistência em abandonar ou, pelo menos, relativizar os sistemas estabelecidos leva-nos ao conhecimento dos novos contextos sociais sempre com certo atraso. Contra essa determinação e esse conformismo intelectual, Maffesoli aponta para alguns nomes que teriam ousado novas interpretações que, em suas respectivas épocas, fugiam dessa pregnância paradigmática e que, não fugindo à regra, também foram rechaçadas por essa *intelligentsia* que há em todos os momentos históricos. Alguns dos nomes que romperam, segundo Maffesoli, com a ordem do pensamento

---

<sup>38</sup> Estamos utilizando a expressão ‘propostas de saber’ para não confundir o leitor. Não podemos chamar de ‘teorias’, pois, segundo a demarcação científica proposta por Popper, esses não seriam saberes científicos, mas sim o seu contrário, ou seja, pseudocientíficos.

<sup>39</sup> POPPER, K. *Autobiografia intelectual*, 1977, pp. 37-45.

<sup>40</sup> MAFFESOLI, M. *A república dos bons sentimentos*, 2009a, p. 16.

<sup>41</sup> MAFFESOLI, M. *O instante eterno*, 2003, p. 13.

<sup>42</sup> MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*, 2010, p. 37; *O tempo das tribos*, 2018, p. 7.

estabelecido foram: “Nietzsche, Simmel, Weber, Foucault e Deleuze”<sup>43</sup>. No caso de George Simmel, especificamente, Maffesoli afirma:

Se um autor como Georg Simmel foi longamente estigmatizado é justamente porque escapava desse clima acadêmico para o qual só o sistema deve ser levado em conta. E foi por desejar ater-se ao concreto, por ocupar-se com coisas ou com fenômenos considerados frívolos pelo saber estabelecido, que ele recebeu a infame etiqueta de ensaísta e não obteve senão muito tardiamente um posto universitário<sup>44</sup>.

“É tempo de reconhecer o que é amplamente vivido”<sup>45</sup>, afirma Maffesoli. Por essa razão, inspirados no movimento de demarcação popperiano, propomos também, a partir de um mesmo espírito, mas não dos mesmos critérios, uma demarcação para os saberes das Ciências Sociais. Tal demarcação busca uma delimitação entre o conhecimento atento à realidade tal como ela se apresenta da mera repetição de teorias que projetam sobre a realidade interpretações e distorcem o dado social, tal como está sendo vivido no cotidiano contemporâneo, para fazê-lo encaixar-se na dimensão teórica. De nossa proposta de demarcação surgem dois tipos de conhecimento. O primeiro, que denominaremos de ‘conhecimento sobre o atual’ e, o segundo, de ‘conhecimento obsoleto’. Assim sendo, a demarcação que propomos não entra na antiga querela popperiana do que é científico e o que é pseudocientífico. Não se tratando das Ciências Naturais, o critério a ser observado para as teorias é de outra natureza e de afinidade com as Humanidades. Por essa razão, é a possibilidade das teorias sociais (re)integrarem em suas estruturas explicativas os elementos do cotidiano, pois são eles que estão ditando a organização social da atualidade, que caracterizará uma teoria como ‘conhecimento sobre o atual’. Isso se correlaciona diretamente com a noção de um conhecimento enraizado, ou seja, cravado no comum, no ordinário, isto é, no concreto do vivencial. Do

---

<sup>43</sup> MAFFESOLI, M. *A república dos bons sentimentos*, 2009a, p. 110. Em Karl Popper também encontramos uma discussão sobre o impacto que certa *intelligentsia* tem para com as discussões que se dão em certo momento histórico. Popper, por exemplo, no discurso de abertura do festival de Salzburg, em 1979, intitulado *Autocrítica criativa na ciência e na arte*, afirma (*Em busca de um mundo melhor*, São Paulo: Martins Fontes. p. 290) que: “Num aspecto, sou realmente peculiar – sou um otimista: um otimista num mundo em que ser um pessimista se tornou moda dominante na *intelligentsia*. Creio que nossa época não é tão ruim como se costuma dizer. Que ela é melhor e mais bela que sua reputação”. É preciso tomar cuidado com o que se torna moda intelectual. Muitas vezes, pode ser um engodo causador de miopia intelectual.

<sup>44</sup> MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, 2005. p. 167.

<sup>45</sup> MAFFESOLI, M. *A república dos bons sentimentos* 2009a, p. 111; *A contemplação do mundo*, 1995, p. 15-17.

contrário, deverá ser considerado como ‘conhecimento obsoleto’. Assim sendo, Maffesoli conclui que uma *intelligentsia* que continue a perpetuar a “lenga-lenga” de formas e posições que não são mais as do nosso tempo será:

Incapaz de apreender os motivos ocultos que animam a realidade interior desta época (a pós-modernidade). Algo que eu chamaria, de um modo que pode parecer paradoxal, de raízes aéreas, graças às quais as novas formas de solidariedade, as diversas manifestações de generosidade, próprias das novas gerações, se enraízam profundamente nos arquétipos da espécie, valores ctônicos, os valores de Dionísio<sup>46</sup>.

Essa nova época, a pós-modernidade, demanda dos pesquisadores que (re)aproximem suas reflexões da vida que, em todos os tempos e lugares, é a principal manifestação do ser<sup>47</sup>. Só assim será possível enxergarmos que vivemos em um momento histórico outro.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se quisermos compreender o mundo que está se constituindo à nossa volta, precisamos abrir caminhos de diálogo com o fluxo constante e intermitente da própria realidade vivencial. Tomada muitas vezes como banal, sem importância e até depreciadora do gênero humano, a dimensão sensível e emocional toma fôlego e ressurge na atualidade impressionando os herdeiros do Iluminismo. É preciso igualmente observarmos quais os desafios que essas novas conjunturas estão nos apresentando. O primeiro ponto que parece refutar as evidências históricas é a defesa do fim do individualismo ou, se quisermos, da volta dos comunitarismos, como coloca Michel Maffesoli em suas pesquisas. Sua obra *O tempo das tribos*, traz como subtítulo: *o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Frente aos desafios do mundo contemporâneo, marcado por problemas de diversas naturezas: humanitário, ecológico, econômico, populacional etc., que tipo de comunitarismo Maffesoli estaria se referindo quando fala do fim do individualismo? De qual comunitarismo estaria se referindo o autor quando nos perguntamos sobre os refugiados confinados na zona portuária de Calais, na França, ou mesmo em outras regiões do mundo?

---

<sup>46</sup> MAFFESOLI, M. *A república dos bons sentimentos*, p. 53-54.

<sup>47</sup> MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*, 2005, p. 31.

Que sentimento de comunidade temos para com os migrantes e refugiados? Que senso comunitário é capaz de apoiar regimes totalitários no campo político, elegendo figuras que atentam contra a dignidade e os direitos da pessoa humana, principalmente dos mais necessitados? Como interpretar, mais recentemente, as disputas por mantimentos básicos de higiene e comida, ocorridas nos supermercados dos EUA e do Reino Unido, dado o cenário do COVID-19? Que sentimento subjaz às relações sociais justificaria o aumento de compra e venda de armas de fogo em um momento delicado para o país, e para o mundo, como vimos nos EUA recentemente? Não seria justamente nesses momentos que deveríamos perceber o sentimento de pertencimento a essa ‘aldeia global’ (o mundo), ou às nossas tribos (os países, se quisermos)? Mas, como diria o próprio Maffesoli, é preciso ver o mundo como ele é e não como gostaríamos que ele fosse. Por isso, na prática, o que percebemos é ainda um individualismo radical que busca se satisfazer a qualquer custo.

Outra tese do autor a ser problematizada é a constatação do que ele chama de ‘presenteísmo’ contemporâneo. Referindo-se a essa tese como uma postura, uma atitude encarnada que pode ser percebida no dia a dia dos sujeitos pós-modernos, Maffesoli constata a retomada da valorização do tempo presente em relação ao tempo futuro e ao tempo passado. Mas, que implicações e desdobramentos ético-políticos a opção por viver intensamente o tempo presente, esquecendo-se das demais dimensões temporais, isso pode nos trazer? Como uma sociedade é capaz de organizar-se deixando de lado sua dimensão histórica, sua memória, seu passado? Esquecê-lo, ou não importar-se com ele, não seria abrir mão de sua ‘identidade’? De certa forma pensar no(s) comunitarismo(s) significa traçar, por mais incerto que isso possa ser, um futuro comum. Mas, restringindo-nos ao presente, fazemos com que certos elementos tomem a cena principal no teatro da vida. Isso justifica o aumento no consumo de moda, dos cosméticos, das tendências tecnológicas etc. fazendo com que experiências pontuais, uma após a outra, formem uma espiral e criem no sujeito a pseudonecessidade da desenfreada procura pelo novo.

Enfim, apesar dos vários desafios ético-político-sociais que estão por vir e dos quais não conseguimos prever suas consequências, é preciso reconhecer que não vamos conseguir captar o espírito dessa nova época se continuarmos a acreditar nos ‘velhos fantasmas’ e negarmos as evidências de que o mundo

em que vivemos não é mais, definitivamente, o do século passado. Mesmo assim, parafraseando Karl Popper, ainda há uma velha guarda que “continua querendo que as nuvens sejam relógios”<sup>48</sup>. Ou, se preferirmos uma interpretação maffesoliana, “se a casa está pegando fogo, é impossível salvarmos os móveis”<sup>49</sup>. Após o fogo, que tudo testa e purifica, fiquemos com o que sobra – nem que isso signifique recomeçar das cinzas.

## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **A crise do século XX**. São Paulo: Ática, 1991.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. **A república dos bons sentimentos: documento**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009a.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **Le réenchantement du monde: une éthique pour notre temps**. Paris: La Table Ronde, 2009b.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2009c.

---

<sup>48</sup> POPPER, K. *Conhecimento objetivo*. 1975, p. 197.

<sup>49</sup> MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*, 2010, Prefácio.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MILLER, David (Org.). **Karl Popper**: textos escolhidos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leônidas Hegenberg & Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2007.

POPPER, Karl R. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

POPPER, Karl R. **Autobiografia intelectual**. Tradução de Leônidas Hegenberg & Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1977.

POPPER, Karl R. **Em busca de um mundo melhor**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POPPER, Karl R. **O mito do contexto**: em defesa da ciência e da racionalidade. Organização de M.A. Notturmo. Lisboa: Edições 70, 1999.

POPPER, Karl R. **O mundo de Parmênides**: ensaio sobre o iluminismo pré-socrático. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Unesp, 2014.

## DADOS DOS AUTORES

### Fabiano Incerti

Possui licenciatura em Filosofia e História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1998), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2007), doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2013) e Pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires. Atualmente é Pró-reitor de Missão, Identidade e Extensão e Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tem experiência na área de Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas e autores: filosofia moderna e contemporânea, diagnósticos críticos da contemporaneidade, tragédia grega, diálogo ciência, cultura e fé, mística e espiritualidade; Michel Foucault, Pierre Hadot, Roland Barthes. *E-mail*: [incerti.fabiano@pucpr.br](mailto:incerti.fabiano@pucpr.br)

## **Douglas Borges Candido**

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre e licenciado em Filosofia pela mesma universidade. Fui professor do Ensino Médio, de 2014 até 2017, nas disciplinas de Filosofia e Sociologia, no Colégio Nossa Senhora de SION (Curitiba/PR). Em 2017 desenvolvi atividades, como analista de projetos, na Diretoria de Identidade Institucional da PUCPR; de 2018 até abril de 2021, atuei como analista sênior de projetos pelo Instituto Ciência e Fé PUCPR. A partir de maio de 2021, passei à função de especialista e a atuar diretamente na curadoria deste Instituto e de suas interfaces com a comunidade interna e externa da PUCPR. Minhas pesquisas de doutoramento centram-se nas teses do pensador francês Michel Maffesoli e suas interfaces com a Filosofia. *E-mail:* [douglas.candido@pucpr.br](mailto:douglas.candido@pucpr.br)